



“ENTRE ELES É PROFANO O QUE PARA NÓS É SAGRADO E, VICE-VERSA”: UM OLHAR DE TÁCITO SOBRE JUDEUS E ROMANOS NO PRIMEIRO SÉCULO

“*PROFANA ILLIC OMNIA QUAE APUD NOS SACRA, RURSUM CONCESSA APUD ILLOS QUAE NOBIS INCESTA*”: TACITUS' VIEW ON JEWS AND ROMANS IN THE 1ST CENTURY AD

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt¹

RESUMO

Este artigo busca investigar o olhar dualista proposto por Tácito acerca das visões sobre sagrado e profano no contraste das experiências religiosas romanas e judaicas do primeiro século. Marcando o teor de sua narrativa sobre a Primeira Guerra Romano-Judaica, Tácito no livro V das *Histórias* considera que o que para o romano seria sagrado era profano para o judeu e o que era profano para o romano se apresentava como sagrado para o judeu. A partir disto, e em junção às demais percepções sobre a obra, se analisa o entendimento do sentido adotado pelo autor na construção de seu argumento, que está relacionado às suas próprias concepções sobre o conflito.

Palavras-chave: Primeira Guerra Romano-Judaica; Tácito; Histórias; Sagrado; Profano.

ABSTRACT

This article seeks to investigate the dualistic look proposed by Tacitus regarding the sacred and profane views in the contrast of Roman and Jewish religious experiences in the first century. Marking the content of his narrative over the First Roman-Jewish War, Tacitus, in book V of the *Histories* considers that what was sacred to the Roman was profane to the Jew and what was profane to the Roman was presented as sacred to the Jew. From that point, and in conjunction with the other perceptions about the work, the understanding of the meaning adopted by the author in the construction of his argument is analyzed, which is related to his own conceptions about the conflict.

Keywords: First Roman-Jewish War; Tacitus; Histories; Sacred; Profane.

INTRODUÇÃO

No estudo da antiguidade é necessário o entendimento da simbiótica relação entre religião e fazer político, sendo estas categorias indissociáveis, quer sejam analisadas no

¹ Doutoranda em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Mestre em História Social com ênfase em História Antiga pelo PPGH-UFF. Graduada em História pela UFF. Coordenadora do canal Cool História no youtube, voltado à divulgação científica das áreas de Pré-história e História Antiga. Email: bia.sbittencourt@gmail.com



estudo da sociedade romana, ou mesmo da sociedade judaica. Em vista disto, nossos esforços se concentram de maneira mais objetiva na investigação do que para Tácito significava a apresentação dos conceitos de sagrado e profano, que por certo estão ligados à sua própria percepção sobre a Religião Romana e a Religião Judaica do período, e ao contexto de guerra vivido. Em uma espécie de contraponto, afirma que:

Entre eles é profano o que para nós é sagrado e, vice-versa, a eles é permitido o que pra nós é nefasto (Tac. *Hist.* 5. 4).²

Profana illic omnia quae apud nos sacra, rursus concessa apud illos quae nobis incesta (Tac. *Hist.* 5. 4).

O que entendemos por sagrado e profano? Será que o contexto de escrita e os objetivos podem nos ajudar a interpretar esta passagem? Bem, vejamos que esta frase destacada e utilizada aqui como base de investigação está presente na seção da obra *Histórias* que se dedica a narrar os episódios ocorridos durante a Primeira Guerra Romano-Judaica (66 – 73 d.C.) na província da Judeia, em especial na cidade de Jerusalém (Tac. *Hist.* 5. 2). A frase faz parte ainda de uma série de exposições e afirmativas, por vezes equivocadas e/ou distorcidas, sobre o povo judeu e as práticas religiosas do judaísmo. Assim, em diversos momentos é possível encontrar a definição dos judeus como sendo fanáticos, supersticiosos, dados à luxúria, um povo de costumes sórdidos e perversos que praticava cerimônias sinistras (BITTENCOURT, 2019). Tácito marca então sua narrativa a partir de uma definição étnico-identitária dos judeus.

Neste sentido, o olhar do autor sobre a identidade judaica, e um possível delimitar de fronteiras étnicas, assumem em si um olhar sobre o outro em oposição e distanciamento às características e práticas romanas valorizadas. Os conceitos presentes no conjunto do *mos maiorum* se apresentam como os costumes ancestrais, os valores do homem que na construção da ética são buscados como as verdadeiras virtudes romanas.

Ainda sim, nossos esforços aqui se baseiam na percepção metodológica de que identidade e etnicidade, enquanto conceitos, se constituem em caráter mutável e relacional no decorrer dos processos de interações sociais e culturais (JONES, 1997). Não obstante, as fronteiras étnicas são forjadas e se apresentam de forma fluida em relações que abarcam tanto as roturas como os pontos de contato. “Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos” (BARTH, 2011, p. 26).

² As traduções para o português indicadas neste artigo são nossas, feitas a partir das edições bilíngues das fontes utilizadas – latim/espanhol e grego/inglês.



Outra característica importante do discurso de Tácito é o seu foco no governo romano. Seu objeto parece explícito, então, nas narrativas sobre Roma, seu poder e fazer político-militar, enquanto confere pouca relevância às províncias e às especificidades identitárias e religiosas dos povos dominados (SYME, 1967; COSTA JUNIOR, 2011; MARQUES, 2012). “Portanto a visão taciteana apresentar-se-ia mais urbana, centrada em Roma, do que propriamente imperial” (JOLY, 2010, p. 71). Dessa forma, ao analisar a porção da narrativa sobre a Primeira Guerra Romano-Judaica, concordamos que Tácito esteve mais empenhado em descrever as minúcias dos êxitos militares e o poder político romano na região da Judeia do que propriamente na apresentação da cultura e religiosidade judaicas (BITTENCOURT, 2022, p. 21).

Faz-se necessário ainda compreender a estrutura narrativa das *Histórias*, tarefa que envolve uma contextualização e observação das particularidades do seu contexto de produção. Escrita aproximadamente entre 104 e 109 d.C., abarca os acontecimentos ocorridos entre o período de 69 e 96 d.C., ou seja, passando pelo fatídico ano dos quatro imperadores sob o governo de Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano³, até o que seria o fim do principado de Domiciano, e conseqüentemente do domínio da dinastia flaviana⁴. Dos 12 ou 14 livros que compunham a obra completa nos estão disponíveis hoje apenas uma fração, assim conhecemos os quatro primeiros livros e parte do quinto (livro onde se encontra o relato sobre a revolta dos judeus).

O período descrito aparece imerso no desdobrar da guerra civil, nas muitas experiências enfrentadas e na extrema fragilidade do Império Romano e seus rumos. Expressando sua visão de decadência do Império, em um pessimismo muito próprio e notável em sua produção escrita, é conduzido por um celebrar das glórias do passado e pelo dilema da manutenção da *virtus* frente ao governo dos tiranos despóticos que são a clara expressão da decadência de seu próprio tempo.

As *Histórias* formam, através da disposição geral de sua estrutura narrativa e da caracterização dos imperadores, um movimento bastante denso, visível e crescente de declínio, de decadência física e moral do Império, até a renovação trazida por Vespasiano, pelo menos no que podemos afirmar até o início do livro V (MARQUES, 2009, p. 85).

Ainda sim, cabe destacar que mesmo apontando a renovação política em Vespasiano (Tac. *Hist.* 1. 50), e reconhecendo seu prestígio na carreira senatorial como

³ Em meio à instabilidade provocada pelo contexto das guerras civis no Império Romano, o conturbado período de sucessão imperial entre 68-69 se faz emblemático e é conhecido como o ano dos quatro imperadores, onde em pouquíssimo tempo vê-se a ascensão e finalização dos governos de Galba, Oto e Vitélio, e pôr fim a ascensão de Vespasiano como imperador.

⁴ Os *Flávios*, foram a dinastia romana composta por Vespasiano e seus dois filhos, Tito e Domiciano, que estiveram no poder entre 69 e 96 d.C.



devedor dos Flávios, aponta que, ao mesmo tempo em que assume sua lealdade, mantém o compromisso com a verdade, devendo assim “falar sem amor nem ódio” (Tac. *Hist.* 1. 1). O que nos leva a refletir sobre o fato de que só começa a escrever e publicar suas obras após a morte de Domiciano, o qual descreve de maneira hostil, declarando em alguns momentos que a liberdade de pensar e agir vista sob Nerva e Trajano era oposta ao período anterior (Tac. *Hist.* 1. 1; Tac. *Agr.* 3. 1). Assim, a retomada vista a partir do livro IV “não necessariamente vem apenas com Vespasiano, mas, na verdade, é causada pelo fim da guerra. O processo é lento, tanto porque ocorre concomitantemente às duas grandes revoltas que Tácito passa a narrar, de Civilis e dos judeus” (MARQUES, 2009, p. 81).

ENTENDENDO AS RELIGIÕES E SEUS ASPECTOS SAGRADOS

Os estudos atuais sobre a religião tradicional da cidade de Roma⁵ têm progressivamente conseguido superar os antigos preconceitos teóricos e as generalizações que utilizavam terminologia pejorativa na análise das religiões da antiguidade, impostas em grande parte pelas ditas “premissas cristianizantes”⁶. O modelo binomial visto na dicotomia entre *cristianismo x paganismo* tem como efeito a criação de uma ilusão de um sistema religioso unificado que não contempla as múltiplas experiências religiosas das cidades imperiais romanas (BELTRÃO, 2013). Desta forma, é necessário entender a religião romana a partir da análise das instituições, rituais e dos discursos religiosos da *urbs*. Considerando a religião como elemento central dos sistemas cultural e institucional romanos, “buscamos entrever algo da atmosfera discursiva religiosa no centro do imenso corpus que foi o Império Romano e de seu papel como um dos principais fundamentos da sua coesão” (BELTRÃO, 2013, p. 187).

No mundo romano não há diferença entre as ações governamentais e o que entendemos como de cunho religioso. Os festivais, por exemplo, assumem caráter religioso e secular tanto quanto as eleições, os censos e os demais feitos que são em nosso olhar contemporâneo considerados como políticos. Desta maneira, a religião se tornava real à medida que os ritos e rituais eram vivenciados e reconhecidos no interior de suas conjunturas. Presente ao longo da vida de cada cidadão através das histórias contadas, das imagens observadas, dos estudos, e das constantes reinterpretações da tradição que eram cuidadosamente assumidas no decorrer dos tempos, o culto público em Roma representava a estrita aliança entre os seus participantes.

⁵ Importantes referências para os estudos de religião romana são os clássicos recomendados: cf. BEARD, NORTH e PRICE, 1998; RÜPKE, 2007.

⁶ O conceito de “premissas cristianizantes” é idealizado em meados da década de 1980 por Mary Beard e Michael Crawford, em seus estudos sobre as religiões do Império Romano (BEARD e CRAWFORD, 1985).



A distinção entre os mundos civil e militar também fazia pouco sentido. Não sem razão, os relatos lendários sobre as origens de Roma não dissociam os enfrentamentos e vitórias sobre os povos conquistados do impulso divino que justificava os combates. Na *Eneida*, por exemplo, Roma é representada como a nação justa por excelência, aquela que medirá o conflito entre os povos e irá reger o mundo conhecido segundo as leis. Essa missão “civilizatória” ganha tons mais laudatórios ao ser proferida pelo próprio deus Júpiter, quando enviando Mercúrio a Eneias, busca lembrá-lo da missão de encontrar o Lácio e fundar nova cidade que, em substituição à cidade de Troia, governaria sobre as demais cidades (Virg. *Aen.* 4). Por essa razão Giardina (1992, p. 17) afirma que “a história romana está cheia dessa mistura de domínio violento e ductilidade, de sentido profundo e inflexível de *imperium* e de talento para descobrir soluções maleáveis” (GIARDINA, 1992, p. 17)⁷. Corroborando esta relação, é possível identificar no discurso proferido por Tito ao seu exército, apresentado na narrativa de Flávio Josefo⁸, a percepção desta visão para o romano, bem como a exposição da diferença entre o entendimento militar romano e judaico que é evocado para a exaltação do que seriam os propósitos romanos ligados à guerra:

Romanos - é correto no início do meu discurso lembrá-los do nome de sua raça, para que vocês possam ter em mente quem vocês são e contra quem temos que lutar. [...] Novamente, vocês lutarão por uma causa mais elevada do que os judeus; pois, embora enfrentem a guerra pela liberdade e por sua pátria, que motivo maior poderia haver para nós do que a glória e a convicção de que, depois de termos dominado o mundo, não devemos deixar que os judeus sejam considerados equiparáveis a nós mesmos? (Joseph. *BJ.* 3. 472, 480)⁹.

Em *O guerreiro, o soldado e o legionário*, Brizzi (2003, p. 31) apresenta os valores do homem atrelados a uma ética da guerra, considerando que “o romano das origens parece ter construído ao redor da *fides* toda sua concepção de relacionamento entre os povos; e também a guerra, que representa uma fase desse relacionamento”. Por conseguinte, entender a *fides* é fundamental para analisar o pensamento romano: “a *fides* do exército romano está relacionada com a virtude e o favor divino que marcam sempre a grandeza de Roma quando há também o empenho coletivo para o bem de todos” (MARQUES, 2013, p.

⁷ Era importante estar à altura da missão, ser digno do *imperium*, ou seja, possuir a estatura e as virtudes necessárias. Assim, a noção de *pater patriae*, um pai para a pátria, é desenvolvida ao longo do Império, quando se entende que, assim como um pai, precisa saber quando é necessário agir com benevolência e quando é preciso ser rigoroso.

⁸ Vale pontuar que para além da narrativa de Tácito sobre o conflito, existe a extensa e consagrada obra *Guerra dos Judeus*, escrita por Flávio Josefo, um judeu helenizado, que tendo anteriormente participado da resistência judaica é levado como escravo à Roma e depois acaba sendo apadrinhado pela dinastia flaviana.

⁹ Texto original: “ἄνδρες, ἔφη, Ῥωμαῖοι, καλὸν γὰρ ἐν ἀρχῇ τῶν λόγων ὑπομῆσαι τοῦ γένους ὑμᾶς, ἵν' εἰδῆτε, τίνες ὄντες πρὸς τίνας μάχεσθαι μέλλομεν. [...] καὶ ὑπὲρ μειζόνων δὲ ἢ Ἰουδαῖοι διαγωνεῖσθε: καὶ γὰρ εἰ περὶ ἐλευθερίας καὶ πατρίδων ἐκείνοις ὁ πόλεμος κινδυνεύεται, τί μείζον ἡμῖν εὐδοξίας καὶ τοῦ μὴ δοκεῖν μετὰ τὴν τῆς οἰκουμένης ἡγεμονίαν ἐν ἀντιπάλῳ τὰ Ἰουδαίων τίθεσθαι;”



179). Ainda neste contexto de percepção vale destacar o termo *rebelius*, tido como o violador da *fides*. Dessa forma, como esta noção se construiu nas narrativas sobre a Primeira Guerra Romano-Judaica? Qual foi a experiência romana neste contexto? Sobre isso, Marques conclui que:

Nas *Histórias*, por causa do próprio clima de guerra civil, a *fides exercituuum* é um dos pontos fundamentais do texto de Tácito, pois é por meio dela que vemos as respostas das legiões ao comando dos generais e ao sucesso ou fracasso de cada um dos imperadores. [...] O maior problema da *fides exercituuum*, que é sua inconstância [...] está sempre ligada à contraposição entre os interesses coletivos e particulares (MARQUES, 2013, p. 179-181).

Assim, o que os romanos não admitiam sob seu domínio era a possibilidade de que algum grupo, sobretudo após reconhecida a dominação, decidisse atacá-los por quaisquer motivos (BRIZZI, 2003, p. 139). Esta mentalidade aparece, por exemplo, no discurso de Herodes Agripa, presente na narrativa de Flávio Josefo, em que alertando o povo sobre os perigos da rebelião, desconsidera em alguma medida a defesa da liberdade:

Mas aquele escravo que uma vez foi submetido à sujeição e depois foge é mais um escravo refratário do que um amante da liberdade; pois era então o momento apropriado para fazer tudo o que era possível, para que você nunca tivesse admitido os romanos [em sua cidade], quando Pompeu chegou primeiro ao país (Joseph. *BJ*. 2. 16, 355-356)¹⁰.

A partir destes apontamentos e do entendimento do Império que fora estabelecido em domínio, foi essa experiência que ao fim acabou causando a extrema reação romana à revolta. Tácito considera que retornando a paz ao contexto romano que enfrentava até ali as guerras civis, e retornando o olhar novamente às questões exteriores, “o que aumentava suas iras era que só os judeus haviam recusado submeter-se” (Tac. *Hist.* 5. 10).

Distinguindo entre a visão de Tácito e a visão mais abrangente das disposições legais do governo romano, vale considerar que na concepção romana as repressões e ações de subjugação dos judeus não se deram pelas expressões religiosas identitárias – afinal a própria prática do judaísmo era assegurada dentro do Império como *religio licita*, estando ainda os judeus guardados em leis específicas que permitiam a não obrigação na realização de práticas romanas que fossem contrárias à concepção religiosa judaica, como por exemplo, a participação nos jogos seculares –, mas sim como resposta à insubmissão e rebeldia deste povo que já havia sido dominado e desfrutava dos favores do Império.

¹⁰ Texto original: “ἡ γὰρ πείρα τῆς δουλείας χαλεπή, καὶ περὶ τοῦ μηδ’ ἄρξασθαι ταύτης ὁ ἀγὼν δίκαιος. ὁ δ’ ἄπαξ χειρωθεὶς, ἔπειτα ἀφιστάμενος, αὐθάδης δοῦλός ἐστιν, οὐ φιλελεύθερος. τότε τοιγαροῦν ἐχρήν πάνθ’ ὑπὲρ τοῦ μηδέξασθαι Ῥωμαίους ποιεῖν, ὅτε ἐπέβαιεν τῆς χώρας Πομπήιος”.



Não obstante, em que medida Roma interferia na vida religiosa ao longo dos domínios do Império? Salvo raras exceções, “não nos parece que o Império Romano impôs esses seus cultos aos povos submetidos, nem que combatesse sistematicamente cultos de seus subordinados na *urbs*” (BELTRÃO, 2013, p. 192); essa expectativa variava ainda de acordo com o status jurídico das comunidades. Inserido no Mediterrâneo Antigo, que é tido como um espaço mundializado, é preciso entender o Império Romano como diverso, plural, e em certa medida multicultural, sendo a integração e “homogeneização” incentivadas por Roma e pelas autoridades locais.

As tentativas romanas para a consolidação do poder imperial, implementadas no processo de dominação através de diferentes estratégias, visava à construção de um espaço de representação do Império enquanto detentor das terras conquistadas (COSTA JUNIOR, 2011, p. 76). No caso judaico, a estratégia adotada para com a religião se firmava na permissão concedida de profissão de fé e tolerância às práticas religiosas que, apesar de diferentes, pareciam justificáveis. Aliás, a própria estrutura político-religiosa da região acaba sendo utilizada e engloba a administração local por parte do Império.

Com base na especificidade da visão definida por Tácito em seus discursos, a tendência narrativa vista nas *Histórias* aponta para a decadência romana, apresentada em “exemplos da degradação moral nas províncias e atrocidades antes impensáveis em Roma, com todo tipo de crime, traição e corrupção superando a prática da virtude” (MARQUES, 2012, p. 97). Diante do que julgava degenerado no povo romano, lançou uma visão pessimista não apenas sobre o presente, mas também sugeriu um futuro pouco promissor por força da ira divina:

Ao lado dos mais diversos casos sucedidos sobre a humanidade, prodígios ocorreram no céu e na terra, avisos dados por meio de raios, e profecias sobre o futuro, felizes ou tristes, duvidosas ou claras. Nunca antes foi tão evidentemente provado por catástrofes terríveis para o povo romano ou por claros sinais, que os deuses não se importam com a nossa segurança, mas sim com nosso castigo (Tac. *Hist.* 1. 3)¹¹.

Com base nessa citação, Marques (2012) indica que a menção ao papel dos deuses exposta no discurso traz elementos significativos que nos ajudam a compor a visão que Tácito apresenta sobre a religião romana. Assim, como um dado inevitável, se afasta da até então consolidada tradição que via Roma como protegida pelo favor divino: “Este é um dos elementos mais claros que demonstram seu ceticismo em relação à religião, pois nem a

¹¹ Texto original: “*praeter multiplicis rerum humanarum casus caelo terraque prodigia et fulminum monitus et futurorum praesagia, laeta tristia, ambigua manifesta; nec enim umquam atrocioribus populi Romani cladibus magisve iustis indiciis adprobatum est non esse curae deis securitatem nostram, esse ultionem*”.



punição dos deuses é tão ou mais determinante do que o movimento inexorável de decadência provocado pelos próprios indivíduos” (MARQUES, 2012, p. 97).

Não obstante, é preciso entender que a experiência do sagrado é, de fato, vivida e percebida cotidianamente através da ocupação e sacralização dos espaços públicos, sendo um importante vetor que assegura o sentimento de pertença do grupo. Esta sacralização, por sua vez, está posta em ações que assumem significados a partir da comunicação religiosa, feita através de elementos da situação como os objetos, espaço e tempo, que apoiam e ajudam na transmissão da mensagem objetivada. Na utilização do conceito recente de “religião urbana”, objetiva-se então demonstrar como as mudanças importantes na religião podem ser compreendidas de forma mais completa quando vistas como resultado da formação mútua e bilateral do espaço urbano e seus modos de vida, e da religião, onde as práticas religiosas moldam o espaço urbano e o espaço urbano molda a religião (RÜPKE, 2020).

Tendo como base definições gerais mais seguras sobre sagrado e profano, recorreremos ao estudo do vocabulário antigo para que possamos avançar em nossa interpretação e análise da passagem de Tácito. O termo latino *sacer* é para nós expresso especificamente na palavra sagrado que é relativo ao que se refere aos deuses e é digno de veneração.

Decerto, profano como o imediato contrário (ou como diríamos, o antônimo) de sagrado não é posta na profanação no sentido violador do termo, e sim comum, o que pertencente ao mundo humano, relacionado às coisas terrenas e não divinas. Na relação de *sacer* com *sacrificare*, vemos a transformação do que era comum em algo que passa a ser aceitável aos deuses, assim “o sacrifício é feito para que o profano se comunique com o divino por intermédio do sacerdote e dos ritos” (BENVENISTE, 1995, p. 189-190).

Tácito, porém, avança na imposição de um contraste ao apresentar na percepção sobre as religiões romana e judaica uma dualidade onde o que é sagrado para um é profano para o outro, sendo abominável para o romano o que é permitido para o judeu. E mais, talvez tal visão seja melhor amparada se pensarmos que no olhar de um judeu monoteísta as práticas religiosas romanas poderiam realmente ser tidas como profanas ao serem devotadas a um extenso panteão de deuses estranhos, mas em que aspecto seria possível supor que o que é sagrado para os judeus seja de fato elevado do nível de estranho e desconhecido para algo abominável, perverso que é atestado em práticas religiosas que se justificam pela intrínseca corrupção deste povo?

Em acordo ao que Rüpke (2020, p. 21) afirma: “Talvez só sob certas condições, e em contextos culturais específicos, tais processos possam produzir debates sobre a dicotomia entre o que é sagrado e o que é profano (do latim *profanus*, literalmente ‘em frente ao santuário’). Neste sentido, ao considerarmos a especificidade do entendimento da religião



judaica dentro do contexto produzido no domínio do Império Romano, encontramos as condições distintivas necessárias que nos permitem analisar, em comparação, as ações e processos que Tácito aponta como divergentes.

Utilizando-se da apresentação do povo e da cultura judaica, o autor apresenta a todo momento uma visão dualista que diferencia o romano e o judeu em seus modos de vida e práticas religiosas. Dois exemplos merecem destaque: o primeiro que marca bem a identidade judaica ao diferenciá-la de sua experiência e crença, é a introdução ao pensamento da frase a qual estamos mais detidamente destrinchando: “Moisés instituiu novos ritos que eram contrários aos do resto dos mortais [...]” (Tac. *Hist.* 5. 4)¹². O segundo se constrói na inferência das práticas religiosas que envolviam o Templo em Jerusalém. Ao falar sobre o trabalho dos sacerdotes que cantavam e festejavam ao som dos instrumentos, apresenta que algumas pessoas pensavam que seria aquele um culto ao pai Líber, conquistador do Oriente – fazendo referência ao deus Baco, nome adotado pelos romanos como referência ao deus grego Dionísio, que era ligado ao vinho, à liberdade e aos excessos, especialmente os sexuais–, mas adverte não existir esta relação na medida em que considera: “suas cerimônias não são em absoluto congruentes com esta opinião, dado que o Líber instituiu festejos e cerimônias alegres, enquanto as celebrações dos costumes dos judeus são absurdas e seus ritos sórdidos” (Tac. *Hist.* 5. 5)¹³.

Em uma conceituação geral do termo superstição, em latim *superstitio*, a palavra se referencia às convicções e práticas estrangeiras e estranhas aos romanos, estando associadas aos cultos que haviam penetrado no mundo romano provenientes das terras vizinhas. Logo, na investigação da associação do judeu à superstição, Gilberto Angelozzi resume bem a questão ao considerar que “Tácito acha as práticas judaicas ofensivas, em parte por não ver base religiosa para tais costumes, e em parte por acreditar que os judeus haviam introduzido seus costumes idiossincráticos para se isolar (sic.) dos outros” (2003, p. 165). Tácito partilhou sem dúvidas dos preconceitos e desconfianças de muitos romanos que viveram antes dele, em seu tempo, e mesmo daqueles que vieram depois, em relação às práticas de povos estrangeiros, as quais consideravam ser estranhas, não se dando ao trabalho de devidamente compreendê-las (GRUEN, 2016, p. 280).

É preciso destacar ainda que desentendimentos quanto à prática do judaísmo já existiam antes das narrativas de Tácito. Elas apresentam um conjunto de ideias e percepções romanas sobre o povo judeu que não fazem dos discursos do autor um fato

¹² Texto original: “*Moyses quo sibi in posterum gentem firmaret, novos ritus contrariosque ceteris mortalibus indidit*”.

¹³ Texto original: “*Sed quia sacerdotes eorum tibia rympanisque concinebant, hedera vinciebantur vitisque aurea templo reperta, Liberum patrem coli, domitorem Orientis, quidam arbitrati sunt, nequaquam congruentibus institutis. Quippe Liber festos laetosque ritus posuit, ludaeorum mos absurdus sordidusque*”.



inédito nessa direção, à exemplo dos principais expoentes que foram utilizados por Tácito como fonte na escrita da história e costumes dos judeus, como Lisímaco, Maneton, e Apião¹⁴. Por fim, apesar do judeu não ser em nenhum momento referenciado como um bárbaro nas *Histórias*, Tácito os vê como degenerados.

Quando se volta, por exemplo, em uma digressão sobre a história dos judeus, possui como motivação a apresentação de um povo supersticioso e insubmisso que foi reprimido e subjugado na guerra. Entretanto, suas próprias considerações e toda a construção de seus argumentos parecem se desmontar quando afirma que, ainda assim, os judeus são escusáveis pela antiguidade da religião: “Estes ritos, introduzidos da forma que seja, se defendem por sua antiguidade” (Tac. *Hist.* 5. 5)¹⁵.

Assim, a visão mais ampla sobre os judeus no Império ainda permanecia cercada de misticismos e desconhecimentos que circulavam, inclusive em muitas obras famosas. A estereotipação dos judeus no texto de Tácito indica a necessidade do autor ser visto com certo cuidado. Decerto a imagem apresentada não faz jus ao judaísmo, mas em um caráter relacional pode estar muito mais próxima do cotidiano do judeu dentro do contexto mais amplo do Império Romano.

Em adição a esta percepção cabe lembrar de forma mais objetiva um importante aspecto dos trabalhos de Tácito que também se apresenta enquanto necessário de realce. Tácito em primazia é um ironista consumado. O paradoxo e as aparentes incoerências abundam em suas muitas afirmações e explicações justapostas, que minam-se mutuamente em sutis insinuações e análises críticas (GRUEN, 2016, p. 271). O olhar cuidadoso então assume entender também que nenhuma de suas colocações soam de maneira inadvertida, mas abrem caminho à colocações que ao mesmo tempo em que se posicionam sobre a identidade judaica, estão em oposição apontando criticamente seus próprios laços de pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, defendemos então que a conjuntura da guerra intensificou o discurso identitário elaborado por Tácito. A partir disto, a análise da narrativa sobre Primeira Guerra Romano-Judaica e as digressões acerca da origem dos judeus contidas no livro V das *Histórias*, são certamente entendidas como recurso utilizado na exposição de um povo que envolto na atmosfera da superstição estava também marcado pela sedição; ao passo que

¹⁴ Tais autores são de maneira específica refutados em suas falas por Flávio Josefo, em sua obra *Contra Apião*. Debatendo com falas de autores antigos que deturpavam a imagem de sua religião, Josefo buscou ao longo de suas obras defender sua identidade étnica, desvincular a imagem do judeu da sedição, desmistificar a religião, suas origens e apresentar a derrota na guerra como punição aos maus caminhos escolhidos.

¹⁵ Texto original: “*Hi ritus quoquo modo inducti antiquitate defenduntur*”.



também parece-nos permeada pelas críticas do autor ao próprio governo romano e os rumos adotados por Roma em sua administração político-religiosa. Dessa forma, os conceitos de sagrado e profano utilizados pelo autor se encaixam dentro de um entendimento mais amplo deste acerca das questões religiosas romanas, e de certa maneira, das incompreensíveis práticas religiosas judaicas, e do contexto político observado na análise dos imperadores em seus feitos. Imerso nisto, Tácito se utiliza da dualidade e do contraponto entre as definições étnico-identitárias dos romanos e judeus, a fim de demarcar as características e virtudes, que em sua apreciação, em latente degeneração na sociedade romana, precisavam ser valorizadas na constituição do homem romano por excelência.

FONTE

JOSEFO, Flávio. **The Jewish War**. Cambridge, Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library – Harvard University Press, 1989. Tradução do grego para o inglês de H. ST. J. Thackeray.

TÁCITO, Cornelio. **Libros de Las Historias**. . 2ª ed. Zaragoza: Institución Fernando el Católico (CSIC), 2015. Tradução de Joaquín Soler Franco

VIRGÍLIO, Públio. **Eneida**. 2ª edição, São Paulo: Editora 34, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. **A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.** Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2003.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras, pp. 185-227. In: POUTIGNAT, Philippe.; STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 2011.

BEARD, Mary; NORTH, John A.; PRICE, Simon R.F. **Religions of Rome: A History (Volume I)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BEARD, Mary; CRAWFORD, Michael. **Rome in the Late Republic. Problems and Interpretation**. New York, Ithaca: Cornell University Press, 1985.

BELTRÃO, Claudia. Interpretatio, solo e as interações religiosas no Império Romano, pp. 185-205. In: CERQUEIRA, F. *et al.* **Saberes e Poderes no Mundo Antigo: Estudos Ibero-latino-americanos**, 1 ed., Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias: Poder, Direito, Religião (Volume II)**. Campinas: UNICAMP, 1995.



BITTENCOURT, Ana Beatriz Siqueira. **Guerra e Identidade: O Judeu e o Romano nas obras de Tácito e Flávio Josefo (séc. I d.C.)**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2022.

BITTENCOURT, Ana Beatriz Siqueira. As Identidades na Narrativa de Tácito sobre a Primeira Guerra Romano-Judaica: uma Visão de “Si” e do “Outro”. **Revista de Estudos Judaicos**, ano XVI, nº 13, pp. 115-133, 2019-20.

BRIZZI, Giovanni. **O guerreiro, o soldado e o legionário: Os exércitos no mundo clássico**. São Paulo: Madras, 2003.

COSTA JUNIOR, Jorwan G. O imperialismo romano e as especificidades da Judeia: Um quadro teórico-conceitual. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica** 7, nº 1, pp. 73-86, 2011.

GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GRUEN, Erich S. Tacitus and the Defamation of the Jews, pp. 265-280. In: GRUEN, E. S. **The Construct of Identity in Hellenistic Judaism: Essays on Early Jewish Literature and History**. Berlim: De Gruyter, 2016.

JOLY, Fábio Duarte. Tácito e o Império Romano. **Revista de História**, [S. l.], n. spe, pp. 69-78, 2010.

JONES, Sian. **The archaeology of ethnicity: Constructing identities in the past and present**. London & New York: Routledge, 1997.

MARQUES, Juliana Bastos. Públio (Gaio) Cornélio Tácito, pp. 88-106. In: Vicente Carlos R. A. Flávio Josefo. In: PARADA, Maurício (org.). **Os historiadores clássicos da história: De Heródoto a Humboldt (Volume 1)**. Petrópolis: Vozes: PUC-Rio, 2012.

MARQUES, Juliana Bastos. Estruturas narrativas nas Histórias de Tácito. **PHOÏNIX**, Rio de Janeiro, 15-1, pp. 76-90, 2009.

RÜPKE, Jörg. **Urban Religion**. Berlim: De Gruyter, 2020.

RÜPKE, Jörg (org.). **A Companion to Roman Religion**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

SYME, Ronald. **Tacitus**. Oxford: Oxford University Press, p. 443-445, 1967.